

Projeto de Pesquisa

Vozes em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto¹

José Radamés Benevides de Melo

Orientadora: Luciane de Paula

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Nível: Doutorado

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A segunda metade do século XIX assiste, aqui no Brasil – além de todos os processos políticos, sociais e jurídicos que envolveram os rumos do Segundo Império, do sistema escravocrata e da consolidação da Primeira República –, ao processo de instituição de hospícios em várias províncias do Império. Nessa época, foram fundados o Hospício de Pedro II (em 1852, depois cognominado de Hospício Nacional de Alienados, em 1890, já no período republicano), no Rio de Janeiro; o Hospício Provisório de Alienados de São Paulo, também em 1852; o Hospício de Alienados de Recife-Olinda (da Visitação de Santa Isabel), em 1864; o Hospício Provisório de Alienados, em Belém, na província do Pará, em 1873; o Asilo de Alienados São João de Deus, em Salvador, Bahia, em 1874; o Hospício de Alienados São Pedro, em 1884, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; e, por fim, o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo, em Fortaleza, no Ceará, em 1886 (MOREIRA, 1905; MEDEIROS, 1977 apud ODA; DALGALARRONDO, 2005, p. 986).

Com a fundação de todos esses hospícios, os debates sobre a loucura e a psiquiatria, na sociedade, ganham corpo e se intensificam, tomando as páginas do jornal e da literatura. Dessa forma, não são raras as matérias jornalísticas, as notícias, as crônicas, os contos, novelas e romances publicados, no período, cujo conteúdo tratava da presença de loucos, psiquiatras e hospícios na sociedade e de suas relações.

Na literatura, no início do século XX, o tema da loucura permeia várias obras de Lima Barreto, desde *O triste fim de Policarpo Quaresma* até os textos publicados postumamente.

¹ Este projeto foi, inicialmente, submetido como projeto de mestrado, para ingresso no PPGLLP em 2013. Em dezembro de 2014, no Exame Geral de Qualificação, foi aprovada a mudança de nível de mestrado para doutorado. Esta é uma versão do projeto reelaborada para o doutorado.

Desses, dois chamam a atenção em especial, *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* (tomados aqui como *corpus* de pesquisa), que relatam, numa tensão entre o autobiográfico e o ficcional, as experiências vividas durante o internamento do escritor no Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro. Nesse período, tomam corpo vários debates; entre eles, aqueles que dizem respeito aos lugares e aos discursos do escritor, do louco e do psiquiatra e aos discursos sobre loucura e psiquiatria na sociedade brasileira.

Na literatura limabarretiana, esses debates se tornam pauta frequente. Além de ter vivido os efeitos da marginalização em vários âmbitos de sua vida, Lima passou por duas internações no Hospício Nacional. Dessas experiências, emerge grande parte da matéria-prima usada na elaboração de *O cemitério dos vivos*, como o próprio *Diário do hospício*. Esses textos que tomamos para análise, postos em diálogo, muito nos dizem da dinâmica do campo literário e da instituição psiquiátrica no Brasil e dos efeitos de suas presenças na sociedade brasileira.

A partir da relação desses enunciados com a fundamentação teórica do Círculo de Bakhtin surge nosso questionamento de pesquisa: como as vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria são constituídas – por meio das relações dialógicas, das interações do discurso bivocal (polêmicas aberta e velada) e do autor-criador – no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto? Desse questionamento, surgem outros e, por conseguinte, a proposta deste projeto. Além das questões lançadas, no processo de constituição das vozes sobre a loucura e a psiquiatria, perguntamo-nos: 1) qual o papel das relações dialógicas com outros (inter)textos, outros (inter)discursos, outras vozes sociais?; 2) que função exercem as polêmicas com a literatura e a psiquiatria de sua época?; 3) qual o papel do autor-criador nesse processo de constituição de vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria? Propomos, para responder a essas perguntas, uma análise da constituição das vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria, no diálogo entre os enunciados em questão, vinculada às análises das relações estabelecidas com outros (inter)textos/(inter)discursos.

Um pressuposto fundamental da pergunta principal, norteadora da pesquisa, recai sobre os conceitos-categorias *voz social* e *autor-criador*. Embora, no âmbito dos estudos bakhtinianos, tanto no Brasil quanto no exterior, *voz social* tenha constado de muitas pesquisas acadêmicas, artigos científicos e reflexões teóricas fundamentadas ou acerca do pensamento de Bakhtin e do Círculo, o que se tem visto é um emprego, por assim dizer, “automático” ou automatizado dessa categoria. Isso significa que, nesses trabalhos, não há seções dedicadas à definição de voz social enquanto fenômeno socioideológico e, portanto, dialógico, nem como categoria dialógica de análise; que se referem a fenômenos distintos.

Assim, trata-se, com frequência, de vozes sociais neste ou naquele romance, neste ou naquele enunciado, como se o conceito estivesse já dado, e, por isso, estando óbvio, não necessitasse de delineamento e teorização. Como dar prosseguimento, então, ao que propomos sem saber o que é *voz social*, enquanto categoria dialógica e enquanto fenômeno socioideológico? Essa pergunta implica outras: 1) que elementos constituem *voz social* enquanto categoria e fenômeno socioideológico? 2) como esses elementos interagem na conformação da *voz social*? 3) com que outras categorias, noções, conceitos dialógicos e fenômenos socioideológicos, *voz social* estabelece relações para se constituir enquanto categoria dialógica? 4) o que faz a *voz social* ser *voz social*? Por outro lado, também a respeito da categoria *autor-criador* (autor-pessoa, autoria) colocamo-nos questões dessa ordem, isto é: como proceder a uma investigação científica que considera como um de seus elementos basilares a categoria *autor*, sem tê-la precisada? Perguntamo-nos, portanto: 1) quais são os elementos constituintes de *autor-criador* (*autor-pessoa*, *autoria*) enquanto categoria dialógica? 2) que dinâmica caracteriza os movimentos desses elementos na configuração dessa autoria? 3) com que outras categorias, noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem *autor* aparece inter-relacionado para se constituir como categoria dialógica? 4) o que faz da categoria *autor* uma categoria dialógica?

Compreendemos que essas indagações mobilizam noções, conceitos e categorias sem as quais a pesquisa sobre vozes sociais ficaria, no mínimo, inconsistente. Ao mesmo tempo, tais questões indicam um caminho de trabalho investigativo da urdidura teórica das categorias que adotamos para o desenvolvimento da pesquisa, tanto no que se refere aos elementos e à dinâmica intrínseca a cada uma delas quanto nas suas relações extrínsecas com outros conceitos, integrantes da teoria do Círculo de Bakhtin.

Assim, o estudo do diálogo de *Diário do hospício* com *O cemitério dos vivos* e, em especial, o da constituição das vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria nesses enunciados que constituem o *corpus* da pesquisa aqui proposta podem nos auxiliar na compreensão: 1) de aspectos do funcionamento da arquitetônica do texto/discurso literário, mais especificamente, da obra aqui tratada como *corpus*; 2) da voz daqueles que foram silenciados na sociedade e na literatura; 3) de sua construção dialógica, condição *sine qua non* da constituição das vozes sobre a loucura e psiquiatria na literatura, na sociedade e na história; 4) das polêmicas que se instauram nas/pelas narrativas aqui envolvidas e sua contribuição para o debate histórico, social e acadêmico relacionado aos processos de compreensão da institucionalização e naturalização da loucura como doença mental e do tratamento do louco no Brasil, na Primeira

República; e 5) da condição do escritor naquele momento histórico e do funcionamento do campo literário em relação com o campo científico.

Outra justificativa que sustenta a execução deste projeto é o fato de debruçarmos-nos sobre uma categoria dialógica bastante aplicada, mas pouco teorizada. Não são poucos os projetos de pesquisa fundamentados na perspectiva bakhtiniana de estudos da linguagem, que tratam as *vozes sociais* como tema principal ou que o tangenciam; no entanto, poucas são as tentativas de teorização dessa categoria. Consideramos que aí se configura uma lacuna no campo dos estudos dialógicos, pelo menos no Brasil. É na problematização dessa lacuna que também opera esta investigação. Ao interessarmos-nos pela teorização de *voz social* enquanto categoria dialógica, compreendemos que estamos contribuindo com o debate teórico que vem se desenvolvendo, no Brasil, nas últimas décadas, em torno da produção intelectual do Círculo de Bakhtin.

Outra contribuição, ainda no âmbito da discussão teórica, é a abordagem integrada de várias outras categorias, noções e conceitos (esfera de atividade, enunciado, plurilinguismo dialogizado, cadeia de textos, cronotopo), além de vozes sociais, polêmica e autor-criador, que têm sido empregadas separadamente ou de modo fragmentário. Neste caso, o legado está no tratamento que estamos dando a essas categorias.

Se as vozes sociais não são suficientemente teorizadas, a bivocalidade polêmica não é uma categoria abordada nas pesquisas desenvolvidas sob os pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin e do Círculo – um único trabalho foi encontrado em cujo âmbito essa categoria figura como um dos pontos centrais, é o caso de Veloso (2011). Quanto à autoria, também não se encontram muitas produções acadêmicas em termos de monografias (TCC), dissertações e teses, nem em termos de artigos ou ensaios; além disso, quando objeto de teorizações e pesquisas, a categoria não é considerada no conjunto da obra do Círculo, mas apenas a partir dos ensaios em que figura como um dos temas desenvolvidos por Bakhtin.

Consideramos, além disso, que, se esta pesquisa apresenta contribuições no espaço da teoria, ela contribui para o conhecimento e a investigação de textos literários ainda muito pouco conhecidos pelo público geral e até pelo acadêmico, porque raramente estudados quando comparados com outros de sua época e de seu autor. Tomando, assim, a especificidade de *Diário do hospício*, *O cemitério dos vivos* e dos questionamentos levantados, esta pesquisa vai além e, nesse sentido, contribui para a investigação dialógica dos discursos psiquiátricos produzidos no fim do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, no Brasil, nas suas múltiplas relações com esses enunciados limanos.

Diante do exposto, levantamos cinco hipóteses: as duas primeiras dizem respeito às categorias *voz social* e *autor-criador* e estão voltadas especificamente para a análise da teoria na busca de elementos, propriedades e relações teóricas que auxiliem no delineamento de traços intra e intercategoriais de sua constituição e de seu funcionamento; as três últimas se referem à articulação teoria/corpus na explicitação do principal problema posto neste projeto.

A primeira hipótese está relacionada à *voz social* e diz respeito a seus elementos constituidores. Dizer que *voz social* tem “elementos constituidores” é adotar um pressuposto que surge do estudo sobre o *enunciado concreto* empreendido por Bakhtin (2011), no seu famoso ensaio *Os gêneros do discurso*. A nossa hipótese é que o que faz *voz social* ser *voz social* é uma intrincada rede de elementos constituintes nas suas múltiplas e variadas relações com outras noções e conceitos: assim como o enunciado concreto possui características e propriedades que lhe são intrínsecas, o mesmo, ou algo semelhante, se dá com as vozes sociais. Da pesquisa que temos realizado em *O discurso no romance* (BAKHTIN, 2010a), podemos afirmar que *voz social* não se confunde com enunciado concreto, nem com tom, entonação, tonalidade, ou ainda com valoração social, avaliação expressiva, valoração, tom apreciativo, mas que ela se constitui em relações complexas entre esses elementos que se configuram como seus constituintes intrínsecos. Além disso, *voz social* aparece como produto-processo da estratificação socioideológica da linguagem, como constituinte do plurilinguismo dialogizado e construtora de forças sócio-históricas e políticas de centralização e descentralização da vida socioideológica da própria linguagem. Além do plurilinguismo dialogizado e do enunciado, outras noções, categorias ou conceitos que lhe são externos, mas que estão intimamente relacionados com ela, são fundamentais para sua constituição e seu funcionamento: esfera de criação ideológica, sujeito, gênero, cronotopo e autoria.

A partir da leitura de Faraco (2008), reunimos elementos para levantar nossa segunda hipótese. Quanto à categoria dialógica *autor-criador*, primeiro é preciso dizermos que vemos nessa designação um imbricamento dialógico entre *autor-pessoa*, *autor-criador* e o processo de *autoria*, que se configuram como elementos constituintes da categoria *autor-criador*. Além disso, pensamos que a autoria está intrinsecamente relacionada à *voz social*, à esfera de criação ideológica, ao gênero discursivo, ao enunciado concreto, ao sujeito, ao cronotopo, ao estilo e ao plurilinguismo dialogizado. Isso não significa, no entanto, que *autor-pessoa* e *autor-criador* designem o mesmo fenômeno, mas que, enquanto categorias, estão intrínseca e dialogicamente relacionados. Ademais, convém ressaltarmos o papel fundamental exercido pelo conteúdo, pelo material e pela forma da criação ideológica na configuração do *autor* e/ou do *autor-criador*. Essa dupla designação expressa uma tensão quanto à classificação e à

natureza do *autor-criador* na singularidade da criação literária e quanto à natureza e classificação do *autor* na especificidade da criação ideológica em geral. Diante disso, nossa hipótese é a seguinte: como *autor-criador* se constitui na relação com essas noções, categorias e conceitos dialógicos, suas propriedades são também dialógicas e, além das já apontadas, constam ainda a exotopia, a forma espacial e os *todos* temporal e semântico da personagem e a dinâmica que marca a relação entre os constituintes internos do autor-criador. Aí opera um pressuposto segundo o qual acreditamos que, assim como *enunciado concreto* tem propriedades que lhe são peculiares, o mesmo acontece com autor-criador.

A terceira hipótese diz respeito às relações dialógicas que, supomos, constituem o funcionamento dos sentidos no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*. Como partilhamos a tese de que a linguagem é constitutivamente dialógica (BRAIT, 2005; PONZIO, 2010), pressupomos que Lima Barreto, ao escrever *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, interage com outros sujeitos, discursos, vozes sociais e que essas relações constituem o jogo de sentidos do qual participam esses dois enunciados limabarretianos, que foram enunciados no período de internação do escritor carioca e que também se constituem responsivamente quanto às vozes sobre a loucura, a psiquiatria e a literatura de sua época. A validade dessa hipótese se dá por seu caráter fundante. Aqui, posicionamo-nos, epistêmica e teoricamente, ao compreendermos que os sentidos não se dão na imanência e ao vincularmos a produção dos sentidos e dos discursos de *Diário do hospício* e de *O cemitério dos vivos* a um dos principais postulados teóricos do Círculo de Bakhtin, a dialogicidade da linguagem.

Em *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, Lima Barreto polemiza com a Ciência e também com a Literatura. Essas polêmicas se dão por meio daquilo que Bakhtin (2010b) denomina discurso bivocal (de orientação única, de orientação vária e de tipo ativo – discurso refletido do outro), especificamente no que diz respeito às polêmicas aberta e velada. Assim, nossa quarta hipótese é que, no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, a polêmica com os discursos psiquiátricos seja marcadamente aberta e que a polêmica com os escritores (neo)simbolistas e (neo)parnasianos seja velada. Dessa forma, essa quarta hipótese está fundada na constatação de que duas polêmicas podem ser estabelecidas com o/no campo literário, por meio de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, polêmicas essas que são constitutivamente marcadas pela dialogicidade (BAKHTIN, 2006, 2010b, 2011).

Com essa quarta hipótese, colocamos, na discussão que pretendemos empreender, o funcionamento do campo literário em relação com o do campo científico por meio da polêmica, tanto no que se refere às suas relações internas quanto às suas relações externas.

Quando Lima Barreto enuncia *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, na condição existente em que se encontra, assume uma posição no mundo, realiza um ato, um ato responsável, responsável (SOBRAL, 2008) e ético. Suas narrativas, ao dialogarem tensamente com poetas (neo)parnasianos e (neo)simbolistas e com psiquiatras e médicos de então, evidenciam traços do processo de constituição de um sujeito que, simultaneamente, constrói-se/é construído, dialética e dialogicamente, escritor, louco e pessoa (cidadão/indivíduo). Se compreendemos, como Bakhtin (2010c), em *Para uma filosofia do ato responsável*, que o ato é sempre um ato situado na história, na sociedade, entre os outros e que todo ato é responsável (SOBRAL, 2008) e ético, compreendemos também que Lima Barreto realiza esse ato no evento de sua vida. Dessa forma, pensamos o estudo do texto literário vinculado ao seu autor-pessoa e ao seu autor-criador, à singularidade da existência desses autores, à singularidade da situação em que ocorreu a enunciação de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, ao tenso diálogo que estabelece com outros discursos, outras vozes sociais e com outros sujeitos situados também historicamente. Se considerarmos, ainda, a tese de que a linguagem é constitutivamente dialógica (BRAIT, 2005; PONZIO, 2010), não podemos negar a natureza também dialógica da constituição do autor-criador em *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* e da interação entre ambos, o que nos possibilita formular a seguinte hipótese: o autor-criador, nesses enunciados de Lima Barreto, constitui-se/é constituído a partir de/por movimentos dialógicos de um emaranhado heteroglóssico marcado, conforme Bakhtin (2011, 2010a), por vozes ou línguas sociais que inscrevem e evidenciam posicionamentos verbo-axiológicos tanto em relação ao campo literário quanto em relação ao campo científico e, por isso, compreendemos que esse autor-criador contribui no processo de constituição das diversas vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria no diálogo dos enunciados objetos deste estudo.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Analisar a constituição de vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria – por meio das relações dialógicas, do discurso bivocal (polêmicas aberta e velada) e do autor-criador – no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto.

2.2 Específicos

1. Analisar a constituição de *voz social* e *autor-criador* enquanto categorias dialógicas nas interações intracategoriais e intercategoriais (com outras noções, categorias e conceitos do pensamento teórico do Círculo de Bakhtin);
2. Identificar as vozes sociais com as quais dialoga Lima Barreto no processo de constituição dos enunciados que integram nosso *corpus* e descrever como se estabelece o diálogo entre esses enunciados limabarretianos;
3. Examinar a bivocalidade polêmica no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, no que diz respeito: i) à polêmica aberta estabelecida entre esses enunciados e os discursos da ciência psiquiátrica de sua época; e ii) à polêmica velada entre a fala limabarretiana e outras falas literárias do início do século XX;
4. Perscrutar, ao compreendermos o autor-criador como uma posição verbo-axiológica marcadamente heteroglóssica e de natureza refratada e refratante, os movimentos desses diálogos no processo de constituição autoral e das diversas vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria, no diálogo dos enunciados objetos deste estudo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos propostos e desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volochínov e nos desdobramentos teórico-metodológicos que a eles se coadunam a partir das pesquisas empreendidas por diversos estudiosos tanto no Brasil quanto no exterior. Assim, compreendemos, em consonância com essa perspectiva, que: 1) a linguagem é constitutivamente dialógica; 2) como nos explica Geraldi (2010), o sujeito é responsável, consciente, respondente, incompleto, inconcluso, insolúvel e historicamente situado, “um sujeito que está sempre se fazendo, está sempre inconcluso, nunca é igual a si mesmo, e não encontrará jamais uma integralidade que o conforte.” (p. 292); 3) todo enunciado possui autor, constitui um ato responsivo/ético-estético/responsável em relação a outros enunciados e integra um cronotopo; 4) a alteridade é constitutiva da identidade, isto é, o eu se constitui na relação com o outro e que ambos são marcados por singularidades existentes (o eu é um eu-outro); 5) todo signo é ideológico; e 6) os discursos circulam na forma de gêneros em esferas/campos de atividade humana (BAKHTIN, 2010a, 2010b, 2011; VOLOCHÍNOV, 2006; BRAIT, 2005; PONZIO, 2010; SOBRAL, 2008). Desses princípios, derivam cinco categorias importantes para o

efetivo alcance dos objetivos a que se propõe esta pesquisa: 1) voz social; 2) enunciado/enunciação; 3) relações dialógicas; 4) o discurso bivocal, no que concerne às polêmicas aberta e velada; e 5) autor-criador (autoria, autor-pessoa)².

Ao considerar *enunciado* uma das categorias de análise da constituição de vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, levamos em conta, assim como o faz Souza (2002), seus aspectos definidores, suas particularidades constitutivas e os princípios epistemológicos do Círculo. Isso significa que: primeiro, concebemos que todo enunciado participa de cadeias discursivas, de circuitos da comunicação e está situado histórica, social e culturalmente, apresenta um acabamento irreprodutível, embora possa ser citado; segundo, entendemos que a alternância de sujeitos falantes, o acabamento específico do enunciado (o tratamento exaustivo do sentido do objeto – tema –, o intuito, o querer dizer do locutor, as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento) e a relação do enunciado com o próprio locutor (com o autor do enunciado) e com os outros parceiros da comunicação verbal constituem suas particularidades constitutivas; terceiro, compreendemos que, como o signo é ideológico, a palavra é o signo ideológico por excelência, todo enunciado é também ideológico, dialógico, o que, nesse sentido, o constitui também como ato responsivo/responsável, já que responde a enunciados anteriores e aponta para enunciados futuros.

Ao tomarmos *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* como enunciados formadores de nosso *corpus*, assumimos o ângulo dialógico de análise, que não pode ser estabelecido por meio de critérios puramente linguísticos, mas, além desses, também por critérios de ordem histórica, social, ideológica e cultural. Em outras palavras, “como a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2010b, p. 223), na abordagem desses enunciados, compreendemos que eles se inserem naquilo que Bakhtin (2010b) chama de discurso bivocal, “que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra” (p. 211). Ainda segundo Bakhtin (2010b, p. 223), o discurso bivocal é aquele em que “ocorrem duas orientações semânticas, duas vozes.” (BAKHTIN, 2010b, p. 223). Acrescenta ainda o pensador russo o seguinte: “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas

² As categorias *voz social* e *relações dialógicas* não serão aqui desenvolvidas por duas razões, distintas e referentes a cada uma dessas categorias. Quanto à *voz social*, não podemos apresentar uma abordagem, mesmo que mínima, uma vez que a pesquisa está em andamento, e nossos resultados, quanto a essa categoria, são ainda parciais, o que aponta para a necessidade de acabamento para posterior avaliação por parte de especialistas da área. Quanto à *relações dialógicas*, entendemos que, levando em conta sua ampla propagação e divulgação nos estudos da linguagem, não há necessidade de dedicarmos parte dessa fundamentação a considerações a seu respeito. Por outro lado, quando abordamos o enunciado, o discurso bivocal e suas polêmicas e o autor (processo de autoria, autor-pessoa, autor-criador), as relações dialógicas estão aí pressupostas e, de certa forma, delineadas.

inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais.” (BAKHTIN, 2010b, p. 223). Em sua complexa classificação dos discursos bivocais, cujo princípio é a alteridade (relação com o discurso do outro), Bakhtin chega a três subtipos: 1) o discurso bivocal de orientação única; 2) o discurso bivocal de orientação vária; e 3) o tipo ativo (discurso refletido do outro). Nesse último subtipo, situam-se: a) a polêmica interna velada; b) a autobiografia e confissões polemicamente refletidas; c) qualquer discurso que visa ao discurso do outro; d) a réplica do diálogo; e) o diálogo. Assim se refere Bakhtin ao tipo ativo: “O discurso do outro influencia de fora para dentro; são possíveis formas sumamente variadas de inter-relação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante.” (BAKHTIN, 2010b, p. 229).

Assim acontece também com o discurso de tipo ativo, embora o discurso do outro não esteja presente por meio de palavras, enunciados, acentos, tons, etc., embora no discurso do sujeito, esse discurso outro, a palavra do outro, permaneça fora dos limites do discurso do autor, esse discurso do autor “a leva em conta e a ela se refere. Aqui, a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação, mas age, influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta.” E conclui o pensador russo: “Assim é a palavra na polêmica velada e, na maioria dos casos, na réplica dialógica.” (BAKHTIN, 2010b, p. 223-224).

Nesse âmbito do discurso de tipo ativo é que se situa a polêmica interna velada. No entanto, esse outro discurso está apenas subentendido e “orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro.” (BAKHTIN, 2010b, p. 224). Como afirma Bakhtin (2010b, p. 224), “este último não se reproduz, é apenas subentendido”, a tal ponto que “a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro”. Quanto à distinção entre as polêmicas aberta e velada, Bakhtin (2010b, p. 224) afirma que “A polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é seu objeto. Já a polêmica velada está orientada para um objeto habitual [...] e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto”.

Ao desenvolver suas reflexões, Bakhtin afirma que a polêmica velada é muito comum, tanto no discurso cotidiano quanto no literário. Nesse último, exerce grande influência na formação do estilo, o que lhe confere imenso valor no âmbito do literário.

Além de considerar esse caráter bivocal dos enunciados com os quais trabalhamos, outro conceito fundamental de sua constituição é o autor. Faraco (2008) faz uma discussão consistente em torno de *autor* e *autoria* ao levar em consideração os ensaios assinados por

Bakhtin e que tratam desse tema. Segundo Faraco (2008), o autor-criador é uma função estético-formal engendradora da obra, cuja característica básica está em materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo; como efetiva posição axiológica, nunca é um todo uniforme e homogêneo, mas agrega múltiplas e heterogêneas coordenadas; inclui tanto o herói e seu mundo quanto a forma composicional e o material, ou seja, o objeto estético materializa escolhas composicionais e de linguagem que resultam também de um posicionamento axiológico; é quem dá forma ao conteúdo, não apenas registra passivamente os eventos da vida, mas a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente, por isso é uma posição refratada e refratante, porque, respectivamente, trata-se de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés do autor-pessoa e, a partir dela, recortam-se e reordenam-se esteticamente os eventos da vida; é uma voz criativa que tem de ser sempre uma voz *segunda*, ou seja, o discurso do autor-criador não é a voz direta do escritor, mas um ato de apropriação refratada de uma voz social qualquer de modo a poder reordenar o todo estético; é a voz social que dá unidade ao todo artístico; é também uma posição que se reveste de materialidade verbal e passa a ser identificado com a voz social que sustenta a unidade do todo artístico; é uma posição axiológica, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor; cumpre sua tarefa formal ocupando uma certa posição verbo-axiológica a partir da qual reflete e refrata a heteroglossia, isto é, não a reproduz mecanicamente, mas apresenta, num todo estilístico, um modo de percebê-la, experimentá-la e valorá-la; não pode ser encontrado em nenhum dos níveis de linguagem do romance (por isso, não se confunde com narrador, personagem, enredo etc.), mas no centro organizador onde todos os elementos se interseccionam e se inter-relacionam. Assim, conclui Faraco (2008, p. 56) que “[...] autorar é assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voze(s) social(is) [...]”.

Assim, ao concebermos *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* como enunciados segundo princípios epistemológicos do Círculo de Bakhtin e ao considerarmos as implicações de tais princípios, compreendemos que enunciado/enunciação, discurso bivocal e autor (autoria, autor-criador, autor-pessoa) funcionam dinamicamente no diálogo situado histórica, social e ideologicamente entre os dois enunciados e entre eles e outros (inter)textos/(inter)discursos, especificamente os da literatura e os da psiquiatria das duas primeiras décadas do século XX. Esse é também um caminho encontrado para a análise da constituição das vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria no diálogo entre esses dois enunciados limabarretianos.

4 METODOLOGIA

Os enunciados que constituem o *corpus* desta pesquisa são *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto (2010). Este último é um romance inacabado, elaborado entre 1920 e 1921, cujos originais se encontram na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (MASSI, 2012; MASSI; MOURA, 2010, p. 142).

Desde sua primeira publicação em livro, feita pela editora Mérito, em 1953, aos cuidados de Francisco de Assis Barbosa, essas narrativas têm despertado o interesse de pesquisadores, editores, críticos e leitores em geral. De suas edições, temos notícia dessa primeira, de 1953 e de quatro outras edições. A segunda delas ocorreu em 1956, feita pela editora Brasiliense, com prefácio de Eugênio Gomes. Em 1993, veio a público uma organização feita por Maria Lúcia M. de Oliveira, Diva Maria D. Graciosa e Rosa M. de Carvalho Gens para a Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, sob o título de *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. Uma quarta edição foi publicada em 2004, pela editora Planeta, com prefácio de Fábio Lucas, e organização e notas de Diogo de Hollanda. E uma quinta e última edição, com organização e notas de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura, publicada em 2010, pela editora Cosac Naify, também com o título de *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. Essa última é a edição com a qual trabalhamos neste projeto, já que, das cinco, é a mais completa em termos de edição, notas, cuidado gráfico, contextualização histórica e literária.

Para atingirmos os objetivos aqui propostos, procederemos, metodologicamente, conforme o descrito abaixo:

1. Nossos procedimentos consistirão, para alcançarmos o primeiro objetivo específico – tomando as obras de Bakhtin e do Círculo como *corpus*³, especialmente para esse fim –, na identificação de elementos constituintes intrínsecos e extrínsecos, embora constitutivos, às categorias *voz social* e *autor-criador*. Outro procedimento a ser adotado será o cotejo de textos de autoria de Bakhtin, Medviédev e Volochínov no exame da dinâmica de funcionamento desses elementos e de suas relações com outras propriedades, noções, categorias e conceitos teóricos (esfera de atividade, ideologia do cotidiano, cronotopia,

³ Referimo-nos às seguintes obras, a que temos acesso via tradução para a língua portuguesa: *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, *Estética da criação verbal*, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, *O freudismo: um esboço crítico*, *Questões de estilística no ensino da língua*, *Para uma filosofia do ato responsável*, *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, *A construção da enunciação e outros ensaios*, *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*.

enunciado concreto, plurilinguismo dialogizado, sujeito). Esses dois procedimentos nos possibilitarão reunir elementos suficientes para a caracterização recíproca entre *voz social* e *autor-criador* enquanto categorias dialógicas.

2. Para atingirmos o segundo objetivo específico, procuraremos marcas (inter)textuais/(inter)discursivas no *corpus* que nos permitam identificar as vozes sociais com as quais Lima Barreto dialoga no processo de constituição desses enunciados. Esse procedimento nos possibilitará reunir elementos para descrevermos como se estabelece o diálogo entre esses enunciados limabarretianos e outros (inter)textos/(inter)discursos;

3. Como a descrição do modo de constituição desse diálogo está intimamente relacionada à bivocalidade polêmica, confrontaremos, no caso da polêmica aberta, trechos dos dois enunciados de Lima Barreto com enunciados representantes da psiquiatria de sua época. Quanto à polêmica velada, explicitaremos o choque do discurso do autor de nosso *corpus* com outro discurso literário, subentendido em suas obras aqui analisadas. Nesse procedimento, será importante cotejar enunciados de escritores de prestígio do campo literário sobre loucura e psiquiatria com enunciados de Lima Barreto;

4. Quanto ao quarto objetivo específico, faremos a recolha de elementos dos diálogos já descritos e que constituem ou auxiliam na constituição do autor-criador e, ao mesmo tempo, o recolhimento de elementos comuns a esse autor-criador e à constituição das diversas vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria;

5. Por fim, procederemos à análise interpretativa propriamente dita do *corpus*.

Na medida em que esses procedimentos de análise forem realizados, estaremos, processualmente, analisando a constituição de vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria, por meio das relações do discurso bivocal (polêmicas aberta e velada) e do autor-criador, no diálogo entre *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*.

5 PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O plano de trabalho deste projeto será desenvolvido em 50 meses⁴ (de fevereiro de 2013 a março de 2017) e as atividades estão descritas em quatro (4) momentos, considerando o período anual:

⁴ Lembramos que, dos 50 meses, como passamos por uma mudança de nível, 25 já foram cumpridos. Estamos, portanto, com a pesquisa bastante encaminhada. Devido ao fato de termos mudado de nível, contamos o início da pesquisa a partir de 2013, quando entramos, na época, no mestrado.

1. De fevereiro de 2013 a janeiro de 2014: cumprimento de créditos, embasamento teórico e pesquisa histórica.
2. De fevereiro de 2014 a janeiro de 2015: cumprimento de créditos, embasamento teórico, descrição do *corpus* e escrita de três (3) capítulos.
3. De fevereiro de 2015 a janeiro de 2016: embasamento teórico e análise do *corpus*.
4. De fevereiro de 2016 a maio de 2017: Interpretação do *corpus*, análise dos resultados, escrita da tese e defesa.

Além disso, nós nos comprometemos a participar, com apresentação de trabalho, de, pelo menos, quatro (4) eventos expressivos da área por ano no decorrer do desenvolvimento da pesquisa e a apresentar os resultados em forma de publicação de, ao menos, dois (2) artigos em periódicos indexados da área ou capítulos de livros, também a cada ano. Da mesma maneira, participaremos semanalmente das reuniões do GED – Grupo de Estudos Discursivos, bem como dos encontros de orientação.

Claro que essas atividades não serão realizadas de maneira estanque. Por isso, para a melhor visualização do plano de trabalho, segue o cronograma, em que as atividades aparecem contempladas por etapas, em todo o processo:

Etapas e Atividades	Fev./2013- jan./2014	Fev./2014- jan./2015	Fev./2015- jan./2016	Fev./2016- maio/2017
Embasamento teórico	X	X	X	X
Crédito em disciplinas	X	X		
Análise do <i>corpus</i>	X	X	X	X
Escrita da tese		X	X	X
Entrega e defesa da tese				X
Créditos em eventos	X	X	X	X
Publicações	X	X	X	X
Reuniões do GED	X	X	X	X
Reuniões de Orientação	X	X	X	X

BIBLIOGRAFIA⁵

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Bernardini et al. 6 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010a.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010c.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARRETO, L. *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. Organização e notas de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Edunicamp, 2005.
- FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: Inclassificável; v. 1).
- MASSI, A. Lima Barreto, entre o hospício e o cemitério. [27 set. 2010]. Entrevistador: Bruno Dorigatti. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10423>>. Acesso em: 22 set. 2012.
- MASSI, A.; MOURA, M. M. Apresentação. In: MASSI, A.; MOURA, M. M. (Orgs.). *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ODA, A. M. G. R.; DALGALARRONDO, P. História das primeiras instituições para alienados no Brasil. *História, ciência, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12, n. 3, p. 983-1010, set.-dez. 2005.
- PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- VELOSO, S. R. A. *Polêmicas discursivas na perspectiva bakhtiniana: embates entre vozes de cientistas e outras vozes na arena do Roda Viva*. 2011. 271 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

⁵ Referimo-nos apenas à bibliografia e demais referências utilizadas na elaboração do projeto que ora apresentamos. Para a elaboração da tese, elas serão ampliadas de acordo com as necessidades da pesquisa.